

Qatar - uma ambição todavia realista

Já passaram pelo menos cinco anos desde a primeira vez que fui ao Qatar. Numa altura em que a economia em Portugal estava praticamente parada, e o Qatar tinha conseguido obter a organização do campeonato do mundo de futebol de 2022, as oportunidades nesse - extremamente rico, mas pequeno - país pareciam ser enormes. De facto, há muitas oportunidades no Qatar, mas não deixa de ser um mercado difícil, que também sofreu um pouco com a crise financeira, ao que se somou a mudança do Emir, que sucedeu ao seu pai.

Nos mercados do Médio Oriente não podemos pensar que vamos correr os "100 metros". Temos que "aprender a correr a maratona e em equipa". Esta parece-me ser a receita para as empresas portuguesas de consultoria e projecto que queiram explorar o mercado do Qatar, visto que o investimento necessário para estabelecer e manter uma equipa local, os constrangimentos para o licenciamento de uma empresa (que, de acordo com as regras locais, tem que ter um sócio doméstico), e de credenciação dos técnicos, é bastante elevado.

Durante estes anos em que fiz muitas viagens a esse pequeno Estado fui aprendendo como funcionam não só as relações profissionais, mas também as pessoais e como ambas se entrecruzam. No Qatar, são aliás as relações pessoais que podem fazer a diferença, principalmente no caso das empresas portuguesas que não têm nem a dimensão nem a capacidade financeira das multinacionais inglesas e americanas que dominam o mercado da consultoria e "project management", conseguindo mobilizar dezenas ou centenas de colaboradores para prestar localmente os serviços a clientes exigentes. Aproveito para contar um episódio que se passou comigo numa reunião com o Comité Supremo do Qatar 2022, na qual participei enquanto membro de um consórcio na fase final do concurso para a realização do Project Management de 3 estádios daquele campeonato. Nessa reunião, os membros do Comité perguntaram a cada uma das empresas do consórcio (no total de 4) qual o respectivo número de colaboradores. A empresa líder do nosso consórcio respondeu que tinha 18.000 colaboradores, dos quais 2.500 no Médio Oriente e 500 no Qatar, a segunda referiu que tinha 6.000 colaboradores, a terceira 3.000 colaboradores. Eu respondi que a equipa do FOCUS GROUP era formada por cerca de 40 profissionais. Penso que este episódio é ilustrativo da realidade no Qatar.

Para quem não conhece o Qatar importa referir que nos anos 60 do século XX a população não ultrapassava os 50.000 habitantes e hoje já ultrapassou os 2.000.000. Destes apenas cerca de 10% são Qataris. Os restantes são imigrantes oriundos de todo o mundo, mas maioritariamente da Ásia. Foram para o Qatar vindos da Índia, Nepal, Bangladesh e Paquistão, entre outros, principalmente para realizar os trabalhos mais pesados nomeadamente na construção, limpeza e transportes. Nos serviços de hotelaria e restauração, encontramos principalmente imigrantes vindos das Filipinas ou Malásia. Nas actividades ligadas ao comércio, predominam os Libaneses, que aliam a sua cultura mais ocidentalizada e o domínio da língua às suas capacidades naturais de negociação e adaptação para conseguirem ter sucesso.

O Qatar oferece aos residentes vantagens fiscais, visto não existirem impostos sobre o rendimento das pessoas individuais, e uma qualidade de vida atrativa para quem tenha alguma capacidade financeira. Não obstante, o facto de a legislação local impedir os filhos dos imigrantes nascidos no Qatar de obter a nacionalidade Qatari, associado ao facto de os cidadãos estrangeiros não poderem adquirir uma casa em propriedade plena, impede que os imigrantes criem raízes para o futuro de um país que aspira ser, no médio prazo, uma referência regional nas áreas da educação, do desporto, da arte e da cultura, mas que depende, ainda, do petróleo e do gás.

O Qatar está em transformação há já alguns anos e vai continuar a apostar na construção, tanto de grandes infraestruturas, como de edifícios para diversas funções. No caso concreto do FOCUS GROUP durante estes anos conseguimos estabelecer duas parcerias duradouras com empresas locais, ambas dirigidas por Libaneses formados nos EUA e temos tido um Business Developer dos nossos quadros a viver na região. A nossa experiência em elaboração de projectos de infraestruturas desportivas, quer estádios para os campeonatos da Europa e do Mundo de futebol, quer ainda diversos projectos para o complexo olímpico para o Rio de Janeiro, e o nosso investimento no conhecimento do mercado e dos seus operadores, permite-nos ambicionar vir a estar envolvidos em algum projecto para o Qatar 2022.

Uma ambição todavia realista.



Nuno Malheiro da Silva

Arquitecto

Presidente do FOCUS GROUP

nuno.malheiro@focusgroup.eu

Para quem não conhece o Qatar importa referir que nos anos 60 do século XX a população não ultrapassava os 50.000 habitantes e hoje já ultrapassou os 2.000.000. Destes apenas cerca de 10% são Qataris. Os restantes são imigrantes oriundos de todo o mundo, mas maioritariamente da Ásia